

Pensar: o verbo que se fez carne e habitou entre nós

Ao tomar de empréstimo o título de uma das obras mais marcantes do século XIX, escrita pelo sempre lembrado Victor Hugo, *Os Miseráveis* de Ladj Ly reserva-nos um lugar privilegiado ante a complexidade social que se vive nos subúrbios de Paris. Embora afastadas por um longo espaço de tempo, estas duas obras partilham entre si a mesma pulsação: levar o realismo social a novos planos, expondo, para isso, o movimento pelo qual o Homem descontente recusa a condição em que está instalado. Uma aspiração ao «de outro modo», a «um outro lugar» como recusa do «aqui e agora», pelo menos nestas condições.

Sem cair no habitual drama ou tom complacente, Ly expõe-nos ao sofrimento, à contradição e, num êxtase sublime, incita-nos a procurar e a escutar a origem do nosso desassossego. Com ele vemos selada a união vital da tragédia com a resistência e, desse modo, cumprida a tarefa primeira do pensamento: espantar-se e interrogar-se. Este, provocado e surpreendido pelos acontecimentos que ditam a força desta obra, experimenta-se – uma experiência ancorada no corpo vivo, no corpo sujeito. Ao mesmo tempo, revela-nos a misteriosa cumplicidade entre a intensidade/capacidade de sentir e a suportabilidade/capacidade de pensar.

O quadro da ação é o dia de trabalho de uma unidade policial parisiense – a Brigada Anti Crime de Montfermeil. Este é um dia marcado por emoções fortes e consequências pesadas, levando-nos, de forma progressiva, a um desfecho amargo e inquietante. De cena para cena somos chicoteados, raiados por um pormenor que nos atrai ou nos fere e em cada imagem joga-se uma vontade de cruzar, capturar, um sentido, um significado. Presos àquele dia, como, se enfim, fosse o nosso dia, pensamos o mundo no esforço de o captarmos e de o compreendermos. É nesta patologia que se circunscreve, à maneira de Nietzsche, a singularidade de um *pensamento-cosmos*: um pensamento em imediata correlação não com uma forma, do mundo ou do sujeito, mas com forças que nos abalam e nos ferem.

Nestas 24 horas iremos acompanhar três agentes. São eles: Chris (Alexis Manenti), Gwada (Sjebriil Zonga) e Stéphane (Danien Bonnard). Chris e Gwada são dois polícias experientes cujos métodos de trabalho são tudo menos ortodoxos. A sua postura é impiedosa, faltando-lhes todos os requisitos para serem dignos de estima ou de apreço. Chris é, sem dúvida, o polícia mais vil e inconsequente. Já Gwada, oriundo do bairro, negro e muçulmano, tenta adaptar-se à postura do seu companheiro ainda que com algumas reservas. Estes conhecem os manda-chuvas do bairro e oferecem a paz em troca de favores. Os dois, instigando o temor e a opressão, vão gerindo a grande custo aquela *Torre de Babel*. Stéphane, a mais recente aquisição da Brigada Anti Crime

(BAC), apresenta uma consciência social distinta da dos seus colegas, sendo mais empático e respeitador. Porém, não tem outro remédio senão adaptar-se rapidamente aos seus colegas. É, então, por meio da ação destes três agentes que entramos no mundo suburbano dos *gangs* de Paris, tomando consciência da tensão existente entre as diferentes etnias e das suas guerras de poder. No fundo, são estas três personagens, em conjunto com os locais, que nos fazem mergulhar no trágico e nas suas metamorfoses.

O ponto de viragem desta longa-metragem encontra-se no momento em que uma das crianças do bairro filma, com o seu drone, uma das operações policiais. Registada a brutalidade da cena, seguir-se-ão dois caminhos opostos. Por um lado, o trio policial que procura a todo o custo abafar o acontecimento. Por outro lado, o grito de revolta por parte dos moradores do bairro face à opressão a que estão sujeitos.

Para nosso espanto este não é um filme que tenha uma tese a provar e é justamente aí, nessa ausência do dizível – claro e concreto –, que há espaço para pensá-lo. Ao centrar-se na complexidade da natureza humana, relembra-nos das suas fragilidades, medos ou desejos. Enquanto espectadores, sentimo-nos observados como se nos fosse exigida uma resposta. De imediato se percebe que essa é uma exigência feita por nós, de maneira a saber em que consiste, ou em que se firma, a nossa diferença em relação aos outros. Descrever a complexidade de tais relações constitui o próprio tema desta obra, na qual não encontramos uma definição explícita ou um exemplo paradigmático do sujeito bom ou do sujeito mau. Consciente da prematuridade e insuficiência da oposição bom/mau, justo/injusto, Ly termina esta longa-metragem com uma passagem retirada da obra de Victor Hugo: *Lembrai-vos sempre de que não há ervadas daninhas ou homens maus – há, sim, maus cultivadores.*

Tecnicamente irrepreensível e socialmente dilacerante, a obra de Ladj Ly convida-nos a compreender, na emergência dos sentidos, a maturidade de uma razão que afetada se olha-aprende e rachada se julga-cresce. *Os Miseráveis* do século XXI configuram-se, assim, como um pensamento de acolhimento face ao alheamento em que a cultura contemporânea tem apresentado os sujeitos, os acontecimentos. *Estes nós vemos, sentimos e, portanto, olhamo-los e pensamos-los.* É, pois, neste frente a frente com a dor que encontramos a promessa da continuidade qualitativa do pensar.